



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

FELIPE FERNANDES PIMENTEL

**BRINCAR DE TEATRO: POTÊNCIA CRIATIVA EM SALA DE AULA.**

BELÉM - PARÁ

2022

FELIPE FERNANDES PIMENTEL

**BRINCAR DE TEATRO: POTÊNCIA CRIATIVA EM SALA DE AULA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção de título em Licenciatura em Teatro, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Me. Aníbal José Pacha Correia.

BELÉM - PARÁ

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

---

P644b Pimentel, Felipe Fernandes  
Brincar de teatro: potência criativa em sala de aula / Felipe  
Fernandes Pimentel – 2022.

Orientador: Prof. Me. Aníbal José Pacha Correia.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto  
de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura  
em Teatro, Belém, 2022.

1. Teatro – estudo e ensino. 2. Teatro e crianças. 3. Arte na  
educação. I. Título.

CDD - 23. ed. 792.07

---

**Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726**



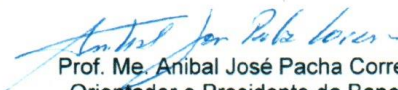
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

#### ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

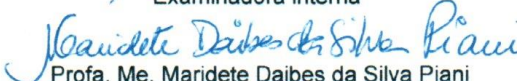
Aos treze dias do mês de outubro do ano de dois mil e vinte e dois, às dezessete horas, reuniu-se na ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos professores: Prof. Me. Anibal José Pacha Correia (Orientador e Presidente), Prof.<sup>a</sup> Dra. Adriana Maria Cruz dos Santos (Examinadora Interna) e Prof.<sup>a</sup> Me. Maridete Daibes da Silva Piani (Examinadora Externa), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do aluno FELIPE FERNANDES PIMENTEL, intitulado: "BRINCAR DE TEATRO: potência criativa em sala de aula.". Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi aprovado com conceito excelente com as seguintes observações Revisão ortográfica e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, será assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 13 de outubro de 2022

  
Prof. Me. Anibal José Pacha Correia  
Orientador e Presidente da Banca

  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Adriana Maria Cruz dos Santos  
Examinadora interna

  
Profa. Me. Maridete Daibes da Silva Piani  
Examinadora Externa

## AGRADECIMENTOS

No meio dessa jornada louca de mini surtos e esperança que tudo desse certo, eu não conseguiria chegar até aqui sem a ajuda de muita gente envolvida, que me apoiam e que me dão forças para seguir com meu trabalho que por diversas vezes me mostram que eu consigo seguir.

Primeiramente eu não posso deixar de citar essa pessoa que é absolutamente tudo na minha vida, a mulher que me deu e que dá a vida por mim até hoje, que me apoia, que acredita que tudo o que eu faço vai dar certo, que me incentiva nas minhas decisões principalmente artísticas. Eu sei que já é um grande privilégio ter alguém na família que está ali te apoiando em tudo, e essa pessoa é minha mãe Endaia, sei que todo agradecimento do mundo é pouco para o tanto que eu tenho a agradecer por ela, por isso queria deixar todo meu agradecimento e meu enorme “eu te amo mamãe!”, sem você eu não estaria nem no início de tudo isso.

Também gostaria de agradecer as minhas “irmãs do elenco” Cinara e Samara que eu sei que cada uma de sua maneira sempre me ajudam em tudo, que estão ali junto de mim me dando todas as forças, dicas e que também estiveram presentes em minhas memórias apresentadas nesse trabalho, vocês são maravilhosas.

Não posso deixar de agradecer a alguns dos meus familiares que também estiveram presentes em minhas memórias e que me ajudaram a viver esse mundo mágico do devaneio infantil quando criança (e que me ajudou muito para a construção desse trabalho), em especial para minha tia Neide e para minha prima Allana pois foram as maiores referências para a criação de personagens e cenas quando era criança.

Queria agradecer também aos meus amigos que estiveram presentes acompanhando toda a minha saga na escola de Teatro e Dança, em especial para a minha dupla de ouro Victória Souza e Andrey Jandson, que foram meus grilos falantes de consciência do decorrer do curso inteiro, que agarraram minha mão e não soltaram até agora e que me ajudaram em todos os meus “eu não sei fazer isso, por isso não vou fazer” e me mostraram que eu conseguia fazer sim! Obrigado por não desistirem de mim quando eu mesmo já tinha desistido.

Deixo aqui meu agradecimento a Giovanna Marçal, que foi uma das pessoas que acreditou muito em mim, mais do que eu mesmo, que me deu muita força para acreditar em minha arte e que eu conseguiria seguir com ela mesmo quando eu pensei em desistir

E, por último e não menos importante, ao meu orientador, professor e amigo Aníbal Pacha por ser o melhor orientador que eu poderia ter, a pessoa que me fez acreditar que eu conseguiria fazer meu TCC, e que ele não era o enorme bicho de 7 cabeças que eu criei. A cada orientação que eu tinha, eu sempre me sentia um pouco mais confiante em acreditar que esse

trabalho sairia e então... ele saiu! Eu não tenho palavras para agradecer por tudo, mas deixo aqui meu muito obrigado por sempre me lembrar que eu preciso fazer jus aos meus 1,89m e não me ver como algo pequeno.

## **RESUMO**

O presente trabalho apresenta estudos da memória infantil e a importância dela para o desenvolvimento pessoal, sendo assim apresento algumas das minhas memórias infantis voltadas para algumas brincadeiras feitas nesse período e apresento potências para esse brincar para que sejam inseridas como metodologias para o aprendizado do ensino do teatro em sala de aula.

**Palavras-chave:** memória; ensino; brincadeira; teatro.

## **ABSTRACT**

The present work shows studies of childhood memory and its importance for personal development, so I present some of my childhood memories focused in some games that were played in that time and I present feled for this play that could be inserted as methodoligies for the learning of teaching the theater in the classroom

**Keywords:** memory; learning; play; theater.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. ENSINO INFANTIL E MEMÓRIA:.....</b>	<b>11</b>
<b>3. MINHAS MEMÓRIAS COMO CAMINHOS.....</b>	<b>16</b>
<b>4. BRINCADEIRAS DE FAZ DE CONTA PARA O ENSINO DO TEATRO .....</b>	<b>28</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: .....</b>	<b>34</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Em 2017, passei no curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Pará, então decidir largar meu antigo curso e me jogar inteiramente no curso em que eu realmente tinha muita vontade de fazer desde muito tempo.

Ao adentrar as portas da Escola de Teatro e Dança da UFPA, me imaginei em diversas situações que para mim seriam encantadoras e me guardaria na memória da melhor forma possível, e realmente, consegui ter ótimas descobertas e experiências como por exemplo, entender que eu conseguia me expressar tão bem, e as vezes melhor, desenhando meus trabalhos, pois desenhar também é uma forma de me comunicar e de me expressar.

Também conseguir perceber o quanto gosto de trabalhar com as crianças quando estive presente no estágio em que participei na Escola de Aplicação da UFPA e o quanto elas me ensinaram tantas coisas e acredito que se eu não tivesse passado por essa experiência, não teria conseguido pensar em escrever metade das coisas que também trago nesse meu estudo.

Mas, como nem tudo é um grande mar de rosas, a ETDUFPA me despertou inseguranças enormes que eu já estava superando no decorrer da minha trajetória, uma delas que mais me afetou com o passar do tempo foi a voz. Por diversas vezes passei por situações onde pessoas me fizeram sempre duvidar que eu tinha algum problema e que precisaria ser tratado a qualquer custo, passei a frequentar médicos procurando um problema onde eu não tinha, sentia que alguma coisa de errada comigo estava acontecendo. E com isso comecei a sentir que eu não tinha voz para falar, para rebater, para pedir ajuda, para nada disso e comecei a me sentir pequeno e inferior a tudo e todos.

E foi nesse momento que precisei recorrer a minha criança interior para procurar onde estava aquele menino falante que tinha curiosidade para perguntar e questionar tudo, que já chegou a reclamar para os professores que crianças deveriam brincar juntas e não ficar separando meninos de meninas e que, por não acatar todas as decisões tomadas na escola já foi mandado até para uma psicóloga para que fosse procurado mais um problema onde não tinha.

Em busca desse menino, mergulhei nas minhas memórias que me apresentaram uma riqueza de momentos da minha vida que poderiam me ajudar, não somente nesse momento de restauração pessoal, mas também na minha vida acadêmica pois, percorrendo minhas memórias

eu comecei a pensar o quanto o teatro estava presente em minha vida, principalmente em minhas brincadeiras e o quanto esse era um momento bom para mim.

A partir dessas memórias, também comecei a lembrar de momentos mais atuais em que tivemos discussões em sala de aula sobre o quanto aprendíamos com as crianças da Escola da Aplicação nos estágios e o quanto elas se empolgavam quando o assunto “brincadeira” era levado para sala de aula. Também lembro de uma conversa com a professora Alana que muitas das vezes fazia brincadeiras com os alunos na própria ETDUFPA e o quanto dava muito certo e mesmo com todos os alunos ali cansados das cargas trazidas do dia a dia, ainda entravam na brincadeira.

Foi nesse momento em que pensei “Por que essas brincadeiras não estão presentes em todas as salas de aulas?” e “Seria muito interessante trazer elas para esse lugar!”, por isso, nesse trabalho apresento um estudo sobre a memória e educação infantil e sua importância para o desenvolvimento pessoal de cada um.

Também apresento minhas memórias infantis resgatadas em umas das minhas buscas no vasto mar de fotografias pessoais e partir de uma análise sobre essas memórias infantis, vejo que existem caminhos para apresentar uma metodologia para o brincar em sala de aula para o ensino do teatro.

Para tanto, trago estudos sobre memória infantil a partir de Gaston Bachelard, também utilizo das ideias pedagógicas de Paulo Freire e textos das pesquisadoras e professoras Alana Clemente Lima, Maridete Daibes da Silva e Olinda Margareth Charone para análises das minhas memórias e diálogos que ajudariam na criação dessas brincadeiras e como elas poderiam ser usadas em sala de aula.

## 2. ENSINO INFANTIL E MEMÓRIA

A memória é algo abstrato e de tamanha importância para que possamos (re)viver, é a partir dela que conseguimos nos reconhecer, seja em nossas personalidades, ancestralidades, nossas vivências etc. E nela, existe uma parte muito importante da nossa vida que nunca nos abandona e nos ajuda a construir, desconstruir e criar memórias: A nossa infância.

Gaston Bachelard (1884-1962) em “*A Poética do Devaneio*” (2018) nos ajuda a entender a infância que vive em nós e o quanto ela é importante quando diz:

Por alguns de seus traços, *a infância dura a vida inteira*. É ela que vem animar amplos setores da vida adulta. Primeiro, a infância nunca abandona as suas moradas noturnas. Muitas vezes uma criança vem velar o nosso sono. Mas também na vida desperta, quando o devaneio trabalha sobre a nossa história, a infância que vive em nós traz o seu benefício. É preciso viver, por vezes é muito bom viver com a criança que fomos. Isso nos dá uma consciência de raiz. (BACHELARD, 2018, p. 20-21)

Dessa forma, conseguimos perceber que a memória infantil habita da forma mais pura em cada um de nós. Porém, nem sempre essas memórias são guardadas da forma que foi imaginada. Muitas das vezes, o devaneio trás questões, situações, ações, falas etc. Como uma forma de “incrementar” as lembranças ali guardadas, pois nem sempre conseguimos lembrar de algo da forma exata como aconteceu.

Por isso, a memória pode ser considerada como “um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações. Toda a nossa infância está por ser reimaginada.” (BACHELARD, 2018, p. 94). Isso pode ocorrer para todas as épocas de nossas vidas, porém a infância sempre será nossa memória mais antiga.

E é na infância que começamos a devanear, criar e imaginar. Nesse período é quando as mentes criativas estão sempre curiosas para desbravar a vida e tudo o que é conhecido, vira um novo aprendizado.

Por isso, a criança devaneia, para sempre buscar ir mais longe em suas descobertas, “Seu devaneio não era simplesmente um devaneio de fuga. Era um devaneio de alçar voo” (BACHELARD, 2018, p. 94) e é com esse alçar voo que ouvimos histórias contadas por crianças a respeito situações que aconteceram com elas e que começam de um fato ocorrido e no decorrer dessas histórias vão sendo incrementados detalhes, momentos fantasiosos,

personagens e é nesse momento que a memória dita “pura” se encontra com o devaneio e faz com que essa história pareça ser muito mais interessante para quem conta.

É nesse momento em que a criança sonha, cria um encantamento para suas fábulas e pode passar horas contando a respeito daquela história pois é naquele devaneio que a criança vive aquele momento, é no “encantar” que ela expõe o que se passa na sua mente criativa.

Quando crescemos não conseguimos recuperar essa mesma essência pois esse encantamento só existe nesse período de maravilhamento da criança visto que a infância “tem um significado fenomenológico próprio, um significado fenomenológico puro porque está sob o signo do maravilhamento” (BACHELARD, 2018, p. 122). Porém ainda conseguimos alcançar voos devaneantes graças a essa infância que se encontra aconchegada em um local de bastante afeto dentro de nós.

“Quando o devaneio vai tão longe, admiramo-nos do nosso próprio passado, admiramo-nos de ter sido essa criança. Horas há, na infância, em que toda criança é o ser admirável, o ser que realiza a *admiração de ser*.” (BACHELARD, 2018, p. 111)

É essa infância que faz com que consigamos devanear e ir com nossas memórias o mais longe possível, é a partir dela que conseguimos nos reconectar e nos reconhecer. “Parece que os voltados para os devaneios da nossa infância nos fazem conhecer um ser anterior ao nosso ser, toda uma perspectiva de antecedência de ser.” (BACHELARD, 2018, p. 103)

Por isso, o devaneio é muito importante para o nosso desenvolvimento. Uma das formas de isso acontecer é brincando, pois, para brincar é preciso que adentremos nesse universo devaneante, e por meio deles podemos criar histórias ou nos reconectar as memórias, das duas formas, elas estimulam na imaginação, que podem estar presentes nas brincadeiras apresentadas.

“A psicologia da imaginação deve ser uma doutrina das “variações psicológicas”. A imaginação é uma faculdade tão atual que suscita “variações” até nas nossas lembranças de infância.” (BACHELARD, 2018, p. 101) por essa razão, a imaginação está presente nas memórias e nas brincadeiras e as duas podem ser mutáveis para que haja um desenvolvimento.

Brincar é trazer esse devaneio ao lúdico, é criar e se divertir das mais variadas formas e brincar de teatro em um ambiente escolar pode trazer exatamente essas questões, ampliando mais ainda o universo da criança que participa e do professor “criança/adulto” que se põe a frente da brincadeira.

Antes de tudo, é de tamanha importância que o professor entenda que ali ele aprende da mesma forma que vai ensinar e que essas diversidades de memórias e infâncias apresentadas trará uma carga rica para os devaneios de todos que estão presentes pois também ouvindo outras infâncias, as nossas se enriquecem (BACHELARD, 2018, p. 117).

Paulo Freire (1921-1997) deixa isso bem claro em seu livro “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa” (2021) quando diz que “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 2021, p. 25)

Naquele espaço, as infâncias serão apresentadas de formas diferentes e por pessoas diferentes e é importante que elas sejam ouvidas, pois "ao escutá-lo, aprendo a falar com ele. [...] Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro” (FREIRE, 2021, p. 117).

A partir dessa escuta conseguimos conversar com as crianças e as trazemos como nossas maiores aliadas em nossa jornada de brincadeiras, tais brincadeiras que serão criadas ou adaptadas de acordo com as vivências delas, sendo assim podemos construir, desconstruir, criar ou modificar as memórias ali apresentadas.

Admitimos que o brincar represente certas realidades. [...] A brincadeira coloca a criança na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, a natureza e as condições humanas. Acreditamos que a brincadeira, o brincar é instrumento importante para desenvolver a criança, é também instrumento para a construção do conhecimento infantil. O brincar permite, ainda, aprender a lidar com as emoções. Pelo brincar, a criança equilibra as tensões provenientes de seu mundo cultural, construindo sua individualidade, sua marca pessoal, sua personalidade. (CHARONE, 2011, p. 96)

Olinda Charone, nesse trecho do seu livro “Faz e não faz de conta: a criança-intérprete e sua compreensão do processo de encenação” (2011) nos apresenta da importância de entender sobre as diversas realidades infantis para que haja essa riqueza na brincadeira e o quanto é importante que essas brincadeiras estejam presentes no desenvolvimento da criança.

Essas práticas podem ser abordadas em qualquer lugar, sejam nas ruas, nas oficinas, nas praças, mas resolvi escolher o ambiente escolar por saber que é um dos lugares onde isso

menos acontece e que deveria sim ser um lugar onde esse brincar fosse visto como algo importante, e não somente como um passatempo.

Trazer essa prática para o ensino escolar pode ser algo bastante difícil, mas é preciso que haja uma fagulha de otimismo para que consigamos inserir essas brincadeiras nesse ambiente de ensino.

*“mudar é difícil, mas é possível - que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão-de-obra técnica” (FREIRE, 2021, p. 77).*

Segundo o dicionário online Michaelis, a escola é a “1. Instituição pública ou privada que tem por finalidade ministrar o ensino coletivo “, também fala que é a “7. Soma de conhecimentos; sabedoria, saber”, mas essa forma de somar conhecimentos hoje em dia é aplicada de forma enrijecida.

A escola atualmente é vista como um ambiente de “seriedade” que consiste em um espaço onde os alunos estão ali disponíveis apenas para receber conhecimento sobre determinados assuntos que precisam ser abordados no decorrer do ano.

Paulo Freire em seu livro “pedagogia da autonomia” reforça o contrário dessa realidade quando diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. “(FREIRE, 2021, p. 24) ou seja, o ambiente escolar não deveria ser esse lugar onde o professor deposita informações e o aluno tenta recolher tudo aquilo que está sendo apresentado.

A partir de minhas memórias da infância, penso o quanto a escola, por vezes, dita algo que fazemos ali como errado por não estar dentro de um padrão escolar que foi estabelecido. Trago como exemplo disso, o brincar.

Alana Lima em sua dissertação de mestrado, apresenta o argumento de Paula Barroso que diz “A educação é pulsante, e a vontade de aprender é inata e alimenta sonhos, e não os castiga em uma manhã ou tarde em que somos obrigados a ir a escola ou somos bichos libertados na hora do recreio.” (BARROSO apud LIMA, 2019, p. 27). Mas é essa a realidade das escolas: ter um momento curto de brincar e se divertir, que é o momento do recreio, e o resto do dia o momento de não se divertir e ter seriedade, que são as horas das aulas.

É comum ouvir em uma sala de aula após o intervalo a seguinte frase “você já brincaram demais, agora é a hora de estudar, de levar a sério”, e naquele momento as crianças conseguem perceber que a hora de brincar é agradável, mas a hora de estudar, de “levar a sério” não é tão divertida assim. Mas brincar pode se elevar a seriedade sem deixar de ser divertido, existir momentos de criações, devaneios e descobertas assim como no teatro.

Quando paro e penso que quando criança, eu brincava de fazer cenas em casa, ali eu já estava exercitando o teatro, e mesmo como uma brincadeira, aquele era o momento em que eu me divertia e tornava minha vida um ambiente mágico e ao mesmo tempo trazia seriedade para o que estava sendo feito, pois levar a sério é dar importância para aquilo, e não tornar aquela brincadeira em algo banal.

Já na escola, não existia toda essa vontade de estar presente e entender tudo aquilo, até mesmo as brincadeiras eram regadas para que houvesse uma ordem. Era preciso dividir meninos das meninas para que não gerassem “confusão” e os modos de brincar não fossem influenciados entre os gêneros, pois meninos brincavam de um jeito e meninas de outro. Tudo ali era muito fechado, era como se fosse um corredor estreito onde não houvesse outras vias.

E a partir do resgate dessas memórias, consigo perceber que é possível seguir outros caminhos para o aprendizado e eles podem ser apresentados de diversas formas “pois, no campo da educação, e, particularmente, no ensino-aprendizagem e vivência do teatro há vários caminhos.” (SILVA, 2016, p. 15) e eles são nossos grandes aliados, junto das crianças.

### 3. MINHAS MEMÓRIAS COMO CAMINHOS

No resgate das memórias, consigo voltar para um período do meu eu criança que brincava em casa, criava diversas histórias a respeito de tudo o que estava ao meu redor, me permitia devanear sem nem saber ao certo o que seria o devaneio. E era ali que começava o meu brincar de teatro, trazer a ludicidade e o faz de conta para a minha realidade infantil. Ali que começava meu grande momento em que trabalhava a realidade, a responsabilidade, a análise crítica, o autorreconhecimento e as expectativas de mudanças. (CHARONE, 2011, p. 51).

E, foi buscando a partir de fotos que capturaram alguns momentos dessas brincadeiras que consigo despertar minhas memórias adormecidas, mas que possuem um sono tão leve que a qualquer momento são despertadas e no buscar das imagens eu consigo ter uma composição completa desse devaneio que me traz essas memórias.

“Baudelaire visa tão-somente ao enfoque da lembrança, uma espécie de instinto que faz com que uma grande alma componha a imagem que vai ser confiada à memória. É o devaneio que dá o tempo de realizar essa composição estética. Ele cerca o real de uma luz suficiente para que o enfoque seja amplo. Os fotógrafos de gênio sabem também dar duração aos seus instantâneos, mais exatamente uma duração de devaneio.” (BAUDERLAIRE, 1868, p. 60 apud BACHELARD, 2018, p. 115)

E é por isso que as imagens serão minhas maiores aliadas para a construção desse capítulo, para que elas despertem a memória da forma mais maravilhada e possivelmente não será da forma mais pura e real pois “O devaneio estende a história até os limites do irreal. Ele é verdadeiro, a despeito de todos os anacronismos. É multiplamente verdadeiro nos fatos e nos valores. Os valores de imagens tornam-se, no devaneio, fatos psicológicos.” (BACHELARD, 2018, p. 117).



Imagem retirada do álbum de família, 1998.

Em algum momento do final dos anos 90, início dos anos 2000, a música “Florentina” do Tiririca fazia muito sucesso e cantava nas rádios, na tv e era muito cantada também nos karaokês entre a minha família.

Eu não sabia ao certo do que se falava a música da Florentina, eu realmente não entendia nada do que era dito, mas o refrão que falava “Florentina, Florentina, Florentina de Jesus. Não sei se tu me amas pra quê tu me seduzes” era cantando por todo mundo da minha casa e parecia ser algo super divertido, além disso, a imagem do Tiririca sempre muito colorida e as danças estranhas me chamavam atenção.

Um dia, eu estava cantando o refrão marcante da música e resolvi criar minha própria história da Florentina, então comecei a criar a história e interpretar ela, mas sempre dando umas pausas pra botar o refrão da música.

Minha irmã mais velha vendo aquilo disse que seria melhor se eu tivesse mais parecido com o Tiririca, então eu concordei e fomos buscar coisas que fizessem com que eu ficasse parecido com o Tiririca. Foi aí que a minha irmã pegou a cabeça de uma boneca dela e escondeu a cabeça dentro de um chapéu e fez o cabelo super loiro do Tiririca, e como outra coisa que era muito marcante naquele personagem era o bigode, eu pedi para minha irmã fazer o bigode dele, então ela então pegou um lápis de olho e fez o bigode e estava pronta a minha caracterização do personagem.

E foi aí que saí pela casa interpretando aquele personagem da TV da minha forma, contando a história da Florentina que eu tinha inventado e utilizando o refrão que pra mim divertia todo mundo, além da dancinha que também era muito importante para a construção daquela personalidade.

Eu passei um bom tempo na minha família sendo lembrado pelas minhas apresentações de Tiririca nos karaokês da família pois essa era uma música que me trazia o destaque de um personagem e que chamava atenção de todo mundo, mesmo que eu não soubesse a letra certa, somente o refrão.



Imagem retirada do álbum de família, 1998.

A hora do banho era um grande momento de diversão, nesse momento eu poderia criar mundos, e tudo o que estava ao meu redor poderia se transformar em algo desse universo que eu criava.

Poucas vezes eu tomava banho dentro do banheiro, na maioria das vezes meus banhos eram no quintal de casa, onde ficavam as bacias de lavar roupa, garrafa pet vazia e algumas

pedras, e tudo isso poderia se transformar em algo para minha criação, como por exemplo o uma bacia de espumas ser uma nuvem e eu ser um anjo com poderes mágicos que previa o futuro. Assim como essa mesma bacia por vezes se transformava em um barco e eu rapidamente me transformava em um aventureiro dos mares ou um moço do interior.

E por isso meus banhos poderiam parecer durar muito tempo, e que até hoje eu não sei ao certo se duravam pois o tempo, quando a gente é criança, parece que não anda da mesma forma que quando a gente cresce.



Samara (minha irmã), Allana (minha prima) e eu - Imagem retirada do álbum de família,2000.

Sempre que a minha prima vinha pra casa, era comum que ela criasse personagens e andasse pela casa por uma parte do dia como esse personagem, as vezes era feita uma cena com uma história para uma brincadeira que a gente chamava de “apresentação”, essa brincadeira começava desde o momento que a gente escolhia o personagem que seríamos, passando para uma apresentação solo das personagens e logo depois começava a apresentação em grupo, que nesse caso, que era a história propriamente dita. Ninguém nunca inventou realmente essa regra, mas essa sequência era algo que a gente fazia sempre que íamos brincar de “apresentação”.

Após a escolha da personagem, a gente buscava em um saco com retalhos que a gente guardava sempre quando minha mãe recortava algum pano enquanto costurava. Se naquele saco não fosse encontrado coisas que queríamos pro personagem, começávamos a caça do figurino e acessórios pela casa até achar.

Após tudo isso pronto, chamávamos os familiares que tivessem em casa pra assistir a grande apresentação que seria: a individual onde cada um já no seu personagem se apresentava e depois apresentávamos a cena em grupo. Essas cenas muita das vezes eram feitas com o improvisado de cada personagem e as vezes era criado um mini roteiro com o que aconteceria na cena e a gente seguia.

Na foto em questão, criamos os personagens que eram os papudinhos e a mulher do papudinho líder. Onde minha prima era o papudinho líder, eu era o papudinho que seguia o líder e minha irmã era a mulher do papudinho líder.

Na época, existia um grupo de papudinhos que ficavam reunidos próximo de casa, e quando eles se reuniam, muita das vezes, a gente via eles dançando, cantando e essas ações pareciam muito diferentes do que era visto no restante das outras pessoas que não faziam parte do grupo, a forma que eles falavam era diferente, como eles realmente ouviam um “líder”. Por isso, esse grupo acabou servindo como nossa inspiração para essa cena que era totalmente voltada para o cômico na brincadeira.

Para a construção daquele personagem, eu pensava naquelas pessoas, mas também eu tentava imaginar como eles viam as coisas pois andavam de forma diferente, e uma das formas que eu encontrei de andar assim foi ficando estrábico, fazendo com que eu visse tudo de forma mais turva, então eu comecei a imaginar que era dessa forma que eles viam as coisas e trouxe isso pro meu personagem. Além do saco que alguns deles andavam e sempre tinham diversas coisas como brinquedos, latinhas e roupas e na época eu não sabia o porquê de eles sempre andarem com essas sacolas, mas pra mim, aquilo fazia parte do dia a dia deles e seria importante colocar também na cena.



Imagem retirada do álbum de família,2001.

Teve uma época que meu tio morava na casa mesma casa que a gente, nesse período ele chegou a fazer parte da Marinha do Brasil, e quando ele subiu de patente, ele acabou mudando de uniforme. Essa farda passava o dia dentro de um saco guardada e eu sempre tinha vontade de ver como ela ficaria em mim se eu vestisse.

Acontece que um dia, minha mãe enquanto mexia justamente nessa sacola, encontrou o uniforme do meu tio e resolveu chamar a gente para experimentar a roupa e tirar umas fotos, então tanto ela quanto eu e minha irmã concordamos, pois, todos nós queríamos experimentar, foi aí que minha mãe disse pra cada um vestir uma blusa branca porque era assim que meu tio vestia junto do uniforme de dentro, então eu prontamente corri pra vestir a blusa.

Quando cada um começou a vestir a roupa, resolvíamos criar uma versão do soldado, então a gente trocava a roupa cada um se apresentava do seu jeito, mas sempre seguindo na direção da tão aguardada foto do soldado.

Eu não sabia muito bem como era tudo isso então fiquei por último e esperei minha mãe e minha irmã fazerem o soldado como ele era e tentei fazer igual, lembro que ao mesmo tempo

era uma coisa difícil de se fazer, era algo muito legal já que eu estava usando a roupa que eu tinha vontade de experimentar.



Na primeira imagem, Samara (minha irmã) e eu - Imagens retirada do álbum de família, 1998.

Teve uma época em que eu ganhei um velocípede azul que eu vivia andando pela casa, essa época também eu e minha irmã adorávamos brincar de super-heróis e o velocípede era uma das peças-chaves pois ele era o veículo do super-herói.

Nesse tempo, não sei como e nem porque, apareciam muitos sacos em plástico bolha em casa, então eu e minha irmã resolvemos criar nossos super-heróis e que também eram os fiéis escudeiros um do outro. Esses super-heróis usavam armaduras de sacos de plástico bolha.

O dito saco de plástico bolha servia como o escudo antibalas, e a cada bala que ele recebia no bracelete era uma bolinha que se estourava, assim como os arranques da super moto também era feito com os estados das bolhas que ficavam nos pés e era desse jeito que passávamos um bom tempo andando pela casa criando histórias para que nossos super heróis pudessem resolver.



Samara (minha irmã) e eu - Imagem retirada do álbum de família,2002.

Na escola da minha irmã, todo ano aconteciam as festinhas de carnaval, festa junina e halloween, e todas as crianças da escola se vestiam e iam para a festinha que eram feitas para

elas, e eu achava isso muito legal pois na minha escola não tinha nada disso visto que era uma escola evangélica.

Minha mãe sabendo que eu gostava muito das comemorações, conversou com os coordenadores da escola da minha irmã para que eu também participasse dos eventos da escola dela, e aceitaram que eu fosse.

No dia dessa foto, a festinha era de carnaval e minha mãe tinha feito as fantasias. Na época a novela “O clone” estava super em alta, e ela resolveu fazer algo parecido as roupas que a personagem Jade usava para dançar, porém não tinha uma “roupa masculina” de um personagem masculino na novela que fosse tão legal quanto da Jade então minha mãe resolveu fazer uma fantasia de pirata para mim.

De início fiquei um tanto triste pois a minha irmã estava vestida de uma personagem super famosa e eu era só um pirata, porém como tempo fui aceitando a fantasia que me foi proposta, mas eu fui dando certas sugestões para meu pirata, já que eu não queria que ficasse igual ao de todos os outros meninos então eu logo pedi para que tirasse o tapa olho e como não conseguimos comprar o chapéu, acabou que eu fiquei sem nada que tivesse uma característica marcante da fantasia.

A minha mãe ainda tentou que eu aceitasse o tapa olho, mas eu não quis, e assim fomos para a festinha de carnaval da minha irmã. Chegando lá, todas as crianças que estavam fantasiadas eram facilmente reconhecidas de que personagens estavam fantasiadas. A minha irmã era a Jade e eu era... Ninguém sabia o que eu era.

Foi aí que eu percebi isso e comecei a pensar que deveria ter sido melhor eu ter levado o tapa olho para que as pessoas entendessem qual era a minha fantasia. Porém pensei “e se eu fizesse ‘coisas de pirata’? Será que entenderiam?” e foi então que eu comecei a criar o pirata para que as pessoas entendessem qual era a fantasia que eu estava vestido, mas não era o pirata que a galera conhecia tradicionalmente.

A partir disso, fui inventando e pensando que se meu pirata não era igual aos outros, ele podia fazer “coisas de pirata” e poderia fazer outras coisas além do já conhecido pelas pessoas, já que ele é diferente dos outros, e assim criei o meu pirata para festa.

A mente infantil é um universo de possibilidades imprevisíveis onde tudo pode ser criado e inventado, desde uma pequena borboleta até um grande planeta, e isso tudo em questão de minutos, fazendo com que os próprios adultos que estão próximos, na maioria das vezes, fiquem imersos em suas invenções.

Acredito que quem já passou pela fase infantil e hoje em dia vive sua fase adulta, consegue trazer memórias simples e significativas da infância e que influenciaram esse adulto e refletem em quem essa pessoa é hoje em dia.

Passo, então, a compreender a infância não como uma idade ou fase da vida, mas como um caminho sem fim por onde caminhamos e corremos por quanto tempo for possível; na encruzilhada da vida, em algum ponto somos impelidos a trocar de caminho e “virar adultos” como sinônimo de adquirir maturidade. Bobagem. Deixamos de ser crianças por uma questão biológica, mas se permanecermos vivendo a infância seremos capazes de amadurecer e sentir o mundo com o poder do presente. (LIMA, 2019, p. 37)

Visando a minha pesquisa, consegui analisar algumas de minhas memórias infantis que trazem o brincar e o faz-de-conta como protagonistas para o desenvolvimento do meu eu-criança-atuante e o quanto isso pode ser importante para o desenvolvimento de muitas outras pessoas a partir de suas brincadeiras.

“Crianças que Brincam.... Inventam o Teatro...” Tudo surge a partir de pequenas brincadeiras, conversas simples, que as levam a discutir em grupo sua forma especial de ver o mundo que as rodeiam, brincando dizem suas verdades e buscam as comportar de forma que todos possam perceber, e aí é que entra o teatro em sua majestuosidade. (SILVA, 2016, p. 23)

Ao analisar esse trecho escrito por Maridete e trazendo as memórias apresentadas por mim, consigo perceber que esses estímulos para a criatividade do meu eu-criança a cada brincadeira, a cada criações e ideias, fazem com que esse teatro esteja sempre sendo inventado e reinventado.

É esse o superpoder de criação presentes nas brincadeiras, estimular nas engenhosidades infantis para originar histórias, personagens e adaptações. Pois nessa fase, suas construções possuem “um significado fenomenológico puro porque está sob o signo do maravilhamento” (BACHELARD, 2018, p. 122). E a partir disso essas crianças conseguem achar grandiosidades e novos significados para simples objetos e convencem quem vê, que aquilo pode ser uma peça mágica.

Esse é o momento em que a pessoa é convidada a entrar naquele universo criado pela criança, e é muito importante que isso aconteça.

Entrar no mundo de uma criança quer dizer viajar com ela na sua fantasia, compreender os seus significados e interpretações do que a vida coloca para elas, deixar fluir, como a delicadeza de uma borboleta e seu voar, tatear as formas que ela criou, e a partir daí, estabelecer com ela um vínculo que tornará sua educação um construir pleno (SILVA, 2016, p. 19)

É possível perceber que em todas as memórias apresentadas, o fator do desenvolvimento infantil está inteiramente presente pois, criar tais brincadeiras, pensar em um enredo, buscar elementos visuais para compor tudo aquilo para fazer parte de como esse processo criativo está nascendo dentro de uma brincadeira. Por isso, se torna grandioso o uso das brincadeiras para o desenvolvimento infantil e para o criar teatro, “relaciona-se a necessidade de refletir o teatro como manifestação da expressividade do ser humano, essencial ao pleno desenvolvimento das funções intelectuais, estéticas e sociais, bem como de focar as perspectivas educacionais desta área de conhecimento. “(CHARONE, 2011, p. 31).

Pensando nessa criação, consigo perceber nas memórias do soldado e do pirata, que existiam duas personagens a serem desenvolvidas e que foram recriadas e reimaginadas pelo meu eu criança para que eu e outras pessoas pudessem entender quem eram aqueles personagens apresentados e mesmo não seguindo um estereótipo ainda assim era o personagem informado. Não reforçar estereótipos desde criança até mesmo para personagens é de tamanha importância, por isso não deveria haver problema algum em pegar algo que já existe e fazer de conta que é algo novo, esse faz de conta “talvez seja o grande momento em que a criança trabalha a realidade, a responsabilidade, a análise crítica, o autorreconhecimento e as expectativas de mudanças. “(CHARONE, 2011, p. 51)

Trazendo esse processo de criação e desenvolvimento para o visual, busco as memórias como a do Tiririca e dos Super heróis, onde são apresentadas personalidades que já eram do meu conhecimento e a partir desse mapa conceitual, foi criada a visualidade para elas nas brincadeiras, e algumas dessas criações visuais serviam para o desenvolvimento da brincadeira e da história, como por exemplo, o plástico bolha para a criação dos super heróis fazendo com que tudo parecesse muito mais real para as crianças que estavam brincando.

Brincar de faz de conta, diz Olinda Charone (2011, p. 52), está intimamente ligado a representar, imaginar, simular. Isto é, complementa Johan Huizinga (2010, p. 17), vestida da máscara – ou somente da ideia dela – a criança passa a representar alguma coisa diferente, mais ou menos bela, mais ou menos nobre do que cotidianamente costuma ser. Ela imagina que é, transborda de prazer em ser e chega a quase acreditar que o é. (LIMA, 2019, p. 5).

Nesse trecho apresentado, Alana Lima traz a ideia da máscara como esse elemento transformador para a criança, e acredito, nessa questão, que assim como a máscara, os elementos, objetos e/ou figurinos apresentados pelas crianças ajudam no desenvolvimento criativo e estético para o decorrer na brincadeira ou apresentação.

Já na brincadeira nomeada como “apresentação”, um dos fatores que mais me chama atenção é a forma lúdica de apresentar e representar, na maioria das vezes, personalidades e acontecimentos presenciados no cotidiano das crianças que brincavam, era tentar copiar tudo aquilo que foi visto e imaginado por aquela criança e transformar em uma cena. De acordo com Olinda Charone (2011, p. 35) essa imitação subordina-se à assimilação lúdica, a autora também conversa sua ideia com a de Piaget (1964, p.165) onde diz que “o sujeito não se limita a copiar outrem, permanecendo ele próprio: assimila-se inteiramente a outrem”. E isso se torna de grande importância para entendermos também qual é o cotidiano dessa criança que traz esses personagens e acontecimentos.

Admitimos que o brincar represente certas realidades. Uma representação é algo presente no lugar de algo. Representar é corresponder a alguma coisa e permitir sua evocação, mesmo em sua ausência. A brincadeira coloca a criança na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, a natureza e as condições humanas. Acreditamos que a brincadeira, o brincar é instrumento importante para desenvolver a criança, é também instrumento para a construção do conhecimento infantil. (CHARONE, 2011, p. 96)

Por último, penso nas memórias do banho onde grandes histórias e universos eram criados de acordo com o que era encontrado no quintal, nesse olhar curioso que cria, que recria, que questiona, que quer aprender a cada instante se torna mais aguçado para novas jornadas, que dá liberdade criativa para quem está imerso para a criação.

Alana Lima junta suas ideias com a de Dantas, quando fala sobre essa liberdade criativa quando diz:

A ideia de liberdade e as de ficção e fantasia mantêm grandes afinidades. Na história que inventa, assim como no jogo simbólico, a criança desfruta da liberdade máxima. Ela pode ser o que quiser, criar a realidade que bem lhe aprouver. A onipotência ficcional é o maior atrativo para inventar histórias. (DANTAS apud KISHIMOTO, 2014, p. 115; LIMA, 2019, p. 36)

Nesse jogo de ser o que quiser e criar realidades que bem lhe prover que esse trabalho aponta possibilidades para isso se estabelecer em sala de aula orientado pelo professor ou mesmo pelos alunos a partir de dois indutores em quadrinhos como proposta desse trabalho.

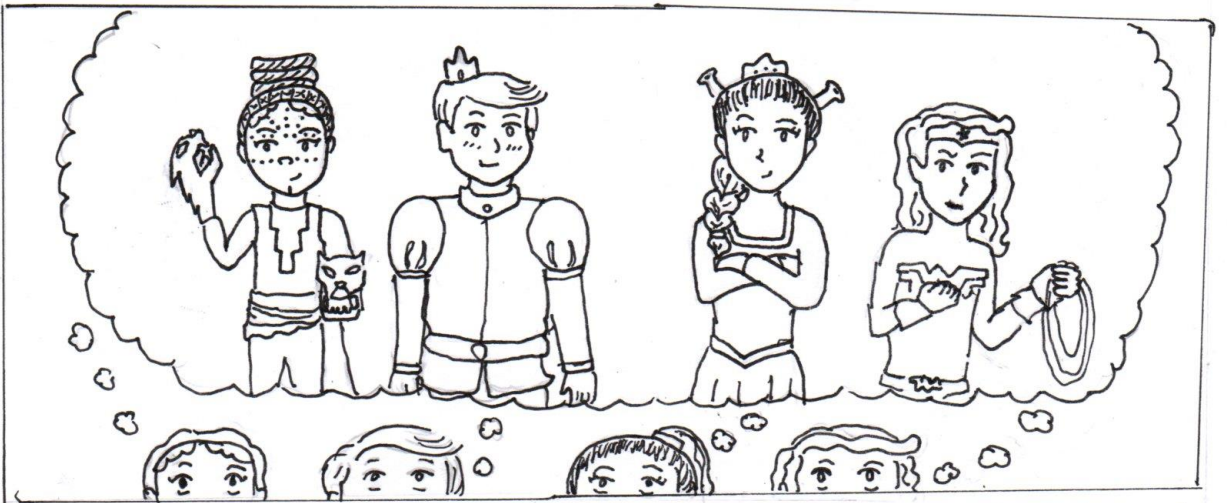
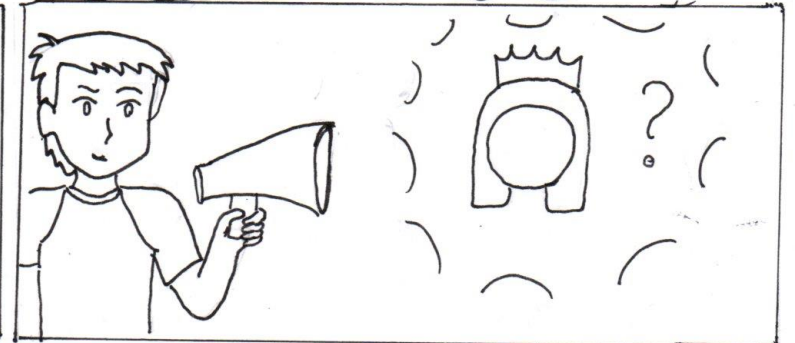
#### **4. BRINCADEIRAS DE FAZ DE CONTA PARA O ENSINO DO TEATRO**

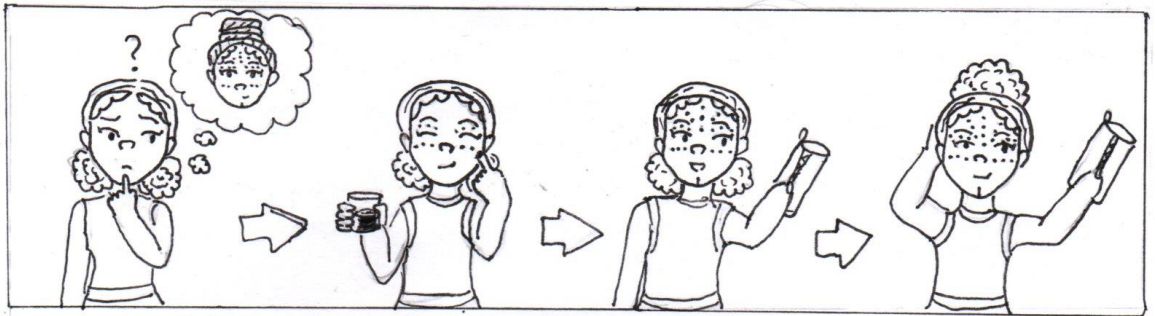
Desde criança, os desenhos acompanham minha trajetória, sejam eles na tv, nos gibis, HQs, mangás. Isso fez com que eu me encantasse também por essa arte e por isso, comecei a fazer meus próprios desenhos como uma forma de divertimento, de expressar emoções e até mesmo como uma forma de me comunicar.

Por isso, a ideia de se comunicar por desenhos é algo que criei para apresentar algumas sugestões de brincadeiras feitas em desenho para que sejam usadas, adaptadas e entendidas de diversas formas, pois o desenho abre um leque de entendimento e possibilidades na imaginação, tanto para quem desenha quanto para quem vê.

Os desenhos em formato de quadrinhos trazem essas brincadeiras sem nenhum diálogo, apenas as imagens e o título de cada atividade. Nisso, são apresentados livres para suas aplicações em sala de aula e atingir o propósito de cada uma dessas no planejamento metodológico do professor. Como explicado anteriormente, não existe um certo nem um errado para elas o importante é brincar.

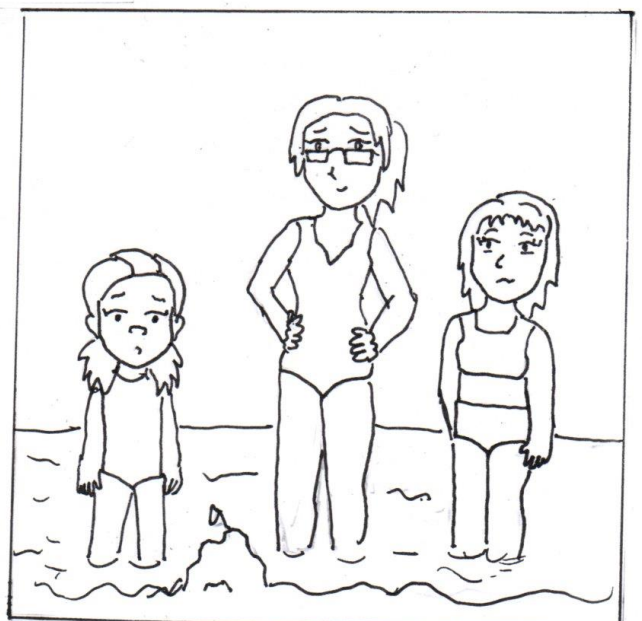
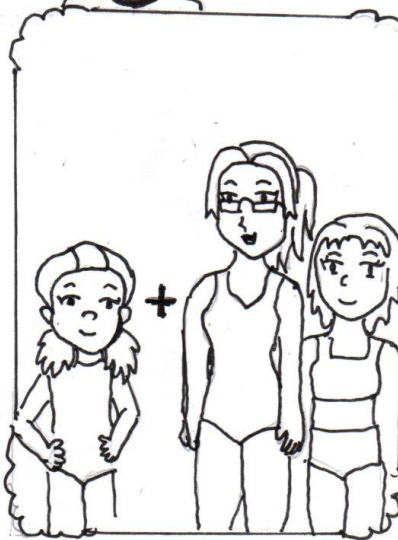
# BRINCADEIRA I: Diversificando Personalidades

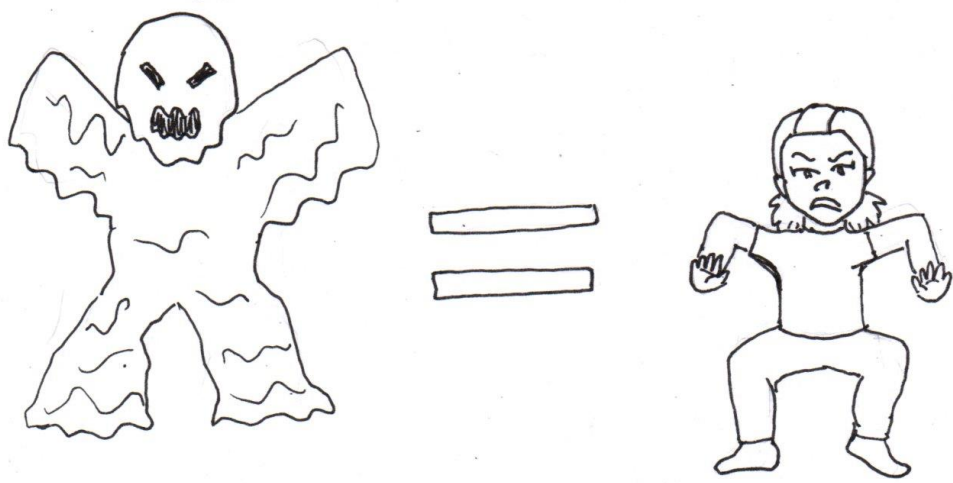
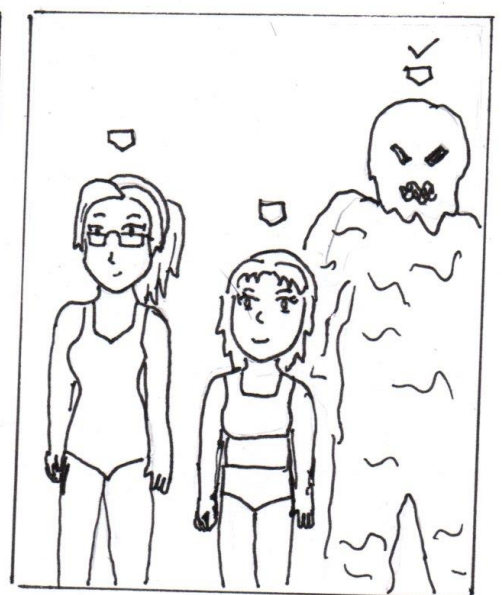




Fim  
2

# BRINCADEIRAS - SER O OUTRO





## 5. CONCLUSÃO

Finalizando este trabalho, é possível perceber o quanto o devaneio da memória é importante para o desenvolvimento de uma pessoa no decorrer da vida, tendo assim, as memórias infantis como as primeiras memórias para o início desse desenvolvimento. Essas lembranças exerceram um papel importante para que esse trabalho fosse realizado.

Lembrar das brincadeiras infantis fez com que eu trouxesse essa análise para o ensino do teatro, pois nas brincadeiras também se exerce o devaneio e a memória, brincar pode trazer aprendizado e descobertas de forma descontraída e de diversas maneiras, pois é possível criar, adaptar ou seguir exemplos de brincadeiras e elas sempre serão diversas pois as crianças participantes também são diferentes e isso traz uma bagagem rica para quem ensina e quem aprende, ou seja, os alunos e os professores, os dois na mesma proporção de ensino e aprendizado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, Alana Clemente. **Tem Palhaça na Rua-Rio? Tem Sinsinhô:** vivências de palhaçaria e educação popular no Porto do Sal. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio.** 4ª Edição. São Paulo: WMF Martins Fontes – POD, 2018.

SILVA, Maridete Daibes da. **Crianças que brincam inventam o teatro:** uma pedagogia do tatear na Escola de Aplicação da UFPA. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

CHARONE, Olinda Margareth. **Faz e Não Faz de Conta:** a criança-intérprete e sua compreensão do processo de encenação. 1. ed. Belém: O Autor, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários para à prática educativa. 70ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/escola>. Acesso em 13/09/2022 às 20:00 horas.